



## CIRANDA

**Luana de Salles Penteado**

É noite. Não tão escura, já que é lua cheia. Não tão clara, já que as névoas encobrem e dispersam o brilho da rainha da noite. O clima típico de uma Curitiba invernal afasta das ruas aqueles que normalmente tiravam da noite se não o seu sustento físico, ao menos o da alma. Ou talvez o inverno seja apenas uma desculpa para não sair nunca mais de um esconderijo, uma zona de conforto qualquer. Há nas pessoas um medo ancestral da noite, embora a escuridão tenha também suas riquezas, seu encanto.

O silêncio paira no ar, um cheiro de tragédia, as evidências de que é nas carnificinas que se faz a humanidade. Impossível de se esconder, é essa terrível realidade que afugenta da noite os sinais de vida. A máscara de paz e de segurança trazida pela luz do sol se desfaz a cada anoitecer, e o mundo parece para muitos girar sombrio, a ponto de até mesmo a lua se disfarçar na névoa.

A humanidade, porém, é ambígua. Ela exige a tragédia para transmutar em arte o horror, em esperança o medo, em alegria a dor. A vida é insistente. Vive-se, apesar de tudo, apesar de nada, apesar de.

\*\*\*

Em meio às névoas, sob a suave luz do luar, uma figura caminha. Um homem solitário, que já viveu o suficiente para que a loucura, a violência e a ganância não o afugentem de seus hábitos noturnos. O homem usa calça jeans, uma grossa jaqueta de um tom grafite e um cachecol cinza. A cabeça já grisalha vai coberta por uma boina de lã preta. No bolso de trás da calça percebe-se um pequeno bloco de notas.

De onde ele surge, eu não sei, alguém saberia? Surge, quem sabe, da noite, da névoa, do luar. Tem cara de lenda, de mito, de crença, talvez. Anda devagar, sem pressa, relaxado, silencioso, mãos no bolso. Não parece buscar nada além da própria noite.

Silenciosamente, sobe pelo Largo da Ordem. No Relógio das Flores, faz uma pausa no caminhar. Quem o visse parado ali jamais saberia dizer se ele olhava as horas ou apenas as flores que, ignorando o inverno, insistiam em exibir suas pétalas coloridas. Após alguns instantes, o homem retoma a caminhada. Logo adiante, talvez por culpa da névoa, desaparece.

Um vento sopra gelado. A despeito do frio, da névoa, da noite e até da maldade, um grupo surge vindo do lado oposto ao que viera o misterioso homem solitário. Cerca de quinze ou vinte pessoas. À frente, cinco delas tocam tambores. O vento, além do frio e do som dos tambores, traz consigo o canto entoado por uma voz masculina, grave e muito profunda. Não há palavras, apenas uma melodia que se confunde com a do vento.



O grupo vai se aproximando das Ruínas de São Francisco. Não percebem que lá dentro, escondido pelas sombras e pelas paredes enegrecidas, há um vulto que os observa. Um homem vestindo jeans, jaqueta cor de grafite, cachecol cinza e boina de lã preta sobre seus cabelos grisalhos. Como ele chegara lá? Não se sabe, ninguém viu... eu não vi. Surgiu lá no meio, simplesmente, como se brotasse de dentro da terra. Ou, quem sabe, da noite, da névoa, do luar. Ele está interessado no grupo que chega com seus tambores. Mimetizado nas sombras, observa.

O grupo chega ao pequeno palco em frente às ruínas. Cessa o canto, cessam os tambores. O vulto escondido nota que todos eles, contrastando com a noite, usam roupas muito coloridas e estão cheios de enfeites. Um carrinho de mão com uma fogueira dentro é posicionado bem ao meio do círculo. Sobre o fogo, logo surge uma grande panela.

O círculo de pessoas silencia totalmente. Todas elas adotam uma expressão de solenidade. Ouve-se apenas o suave crepitar da fogueira. E o vento. Então a mesma voz masculina que antes havia entoado uma melodia agora canta algo que parece ser um tipo de oração, um pedido pelos bons... E pelos maus. Cada frase cantada pelo líder é logo repetida pelos demais.

A oração cessa e começa a festa dos brincantes. Ao som dos tambores e do canto daquelas pessoas une-se um aroma de quentão. Uma moça de saia colorida e com bordados cheios de brilho, usando uma espécie de turbante na cabeça, puxa em seu tambor o ritmo da ciranda. Imediatamente todos se dão as mãos e começam a cirandar. Outra mulher, os olhos tão vivos que parecem brilhar mais que os dos outros, canta enquanto também dança. Logo todos estão cantando e dançando. Cirandando.

Uma sombra entre as ruínas observa e, contagiada pelo que vê, ouve e sente, quase dança sozinha. Era por isso, afinal, que amava a noite: pelas ideias que dela tão facilmente brotavam.

E aqueles que não estão na ciranda, o que fazem na noite? Muitos dormem, mas o que é feito dos insones?

Dentro de uma pequena casa, um jovem casal está deitado no escuro. Em silêncio. Despertos. A moça quebra o silêncio:

\_ Você está triste?

\_ Não...

Uma pausa.

\_ Sabe... Eu ainda estou triste – ela fala baixinho.

Os dois se abraçam.

\_ Será que ela sofreu muito ao morrer? – A moça pergunta subitamente preocupada.

\_ Acho que ela nem ao menos teve tempo de sofrer – ele a tranquiliza.



E no silêncio que se seguiria, se é que haveria o silêncio, um homem solitário, surgido do meio da névoa estaria observando. Um homem com cara de lenda, um bloco de notas ao alcance de suas mãos.

Além dos brincantes, que tanto amam o dia quanto a noite, além do homem solitário nas ruínas, nas sombras, surgido da noite, da névoa, do luar, além dos insones que choram seus mortos, a vida noturna, apesar de tudo, apesar de nada, apesar de, corre solta. E há sempre os bares, para onde correm os bêbados, os poetas, os que sofrem de dor-de-cotovelo, os filósofos de botequim, os suicidas, ou simplesmente aqueles que querem um pouco de conversa leve e risadas em companhia de amigos.

Em um boteco qualquer, naquela noite fria, um discípulo do álcool exhibe sua alta filosofia:

\_ Está tudo errado, só tem ladrão e violência. Não sei não, mas acho que se continuar desse jeito, rapidinho esse mundo morre, vai parar até de girar.

\_ Vai nada – diz outro homem em tom de brincadeira – Esse mundo só para de girar se faltar aqui a branquinha – ele ergue o copo de cachaça num brinde e a engole de uma vez para garantir que o mundo não pare, não se acabe.

Eles não percebem que na mesa do canto, sozinho, um homem vestindo jeans e jaqueta grafite, de cabelos grisalhos e com cara de crença antiga, bebe sua cerveja. Em cima de sua mesa estão a garrafa, o copo e um pequeno bloco de anotações.

Em outra casa, não tão distante dali, enquanto a família dorme, uma mocinha chora seu primeiro coração partido – a noite pertence também aos amantes, aos apaixonados, aos rejeitados. A jovem chora e escreve em um caderno:

Eu ainda (não sei como) não aprendi a perder você. Ainda nem entendi o que aconteceu... Custava muito me explicar? Tanto me pediu para se eu quisesse cair fora, antes avisá-lo! Pois me parece que você simplesmente caiu fora, sem a menor explicação.

Não? Creio que sim... Por que não me diz? Eu (queria) poderia entender suas razões, sabia? Mas desse jeito não é justo.

Te mostrei regiões profundas de minha alma. Retirei da fortaleza de meu coração todas as minhas armas; cada soldado depôs aos teus pés suas lanças.

Um dia te pedi que não (desaparecesse) (sumisse) fosse embora de minha vida sem me avisar. Você respondeu que nunca me abandonaria, ao menos enquanto não tivesse a certeza de que meu coração pudesse (caminhar com as próprias pernas) bater sem você. Você me mentiu?

Não sei se estou (brava ou apenas magoada) magoada ou brava. Acho que é mágoa mesmo... É que a mágoa dói muito mais...



Estou tão triste que mal dou conta de chorar.

Parei de ir atrás de você. E você nunca mais veio atrás de mim...

A moça escreve o desabafo que jamais será lido. Exceto pelo vulto despercebido do homem com cara de lenda, de mito, de crença talvez... este sim lê cada palavra.

Enquanto uma lamenta o abandono de seu amado, outra, por quem Deus esquecera por um instante de olhar – ou a teria olhado um pouco intensamente demais – vê pela última vez o homem que já não amava. É a última pessoa que vê em vida. Foi um tiro apenas. O último som que ela escutou.

E foi só ela, a moça agora caída, sem vida, que entre o tiro e seu corpo no chão, teve consciência de mais uma presença, alguém que antes não se fizera notar e agora, disfarçado na névoa, observava sua morte: um estranho surgido da noite, um filho do luar, de cabelos grisalhos, boina de lã preta. Um homem com cara de mito.

Perto dali brincantes rodam na ciranda. O som de um tiro se disfarça entre tambores. Não que os brincantes não soubessem distinguir da música o grito de uma arma. Eles ouvem e intuem a morte. Mas enraizado em suas almas há o saber que é na ciranda que mora a vida, é na roda que a vida não morre.

Um dos brincantes – talvez o mais alegre, ou quem sabe o que carrega o maior vazio dentro da alma – dança, dança, dança. Dança na roda a ciranda, já numa leve embriaguez de quentão. Não parece suspeitar de que numa casa qualquer uma jovem chora seu primeiro coração partido. Será que ele sabia daquelas lágrimas? Será que se importava? Não, não sei o que se passa por trás de suas brincadeiras. Não há como acessar o que se disfarça naquela alegria carnavalesca. Seu hábito maior é a brincadeira. Apenas esqueceu-se de que é perigoso, é criminoso brincar com corações alheios. Sua arte maior era o esquecimento. Apenas não aprendeu ainda que não se esquece um grande amor.

Ainda que a dor de amor possa partir corações, certamente não bastaria para despedaçar as almas tal como faz a dor da mãe a quem a maldade roubou um filho. E alma partida não se cura, sangra pela eternidade. São cacos de alma que crescem em dor até se partirem outra vez. E mais uma vez. E mais...

Em algum lugar, sozinha, de joelhos no chão, uma mãe chora o pranto magoado daquelas que sofreram a maior das traições de Deus. Ela, que teve tantos filhos, agora se sente mãe de uma apenas, a única filha que lhe foi tomada. Deus é brutal. Melhor seria culpar o Diabo. Mas quem poderia saber exatamente onde termina Deus e começa o Diabo? Tantas pessoas tentando consolá-la, tantos discursos vazios. Era uma mãe sozinha, caída no chão, a alma despedaçada, o corpo pedindo trégua.

\*\*\*



O assassino vai embora para fingir que não era assassino. Passa pelo bar e bebe cachaça para fingir que não havia matado a si mesmo ao atirar na mulher. Passa pelas Ruínas de São Francisco e dança com os brincantes para fingir que sua alma não se havia congelado para sempre, fingir que seus ouvidos ainda podiam escutar qualquer coisa além do estouro maldito daquele tiro, fingir que seus olhos ainda eram capazes de enxergar qualquer cor além daquele vermelho-vivo do sangue derramado na calçada.

Os brincantes giram em sua ciranda, o mundo gira, a vida gira. Bêbados, brincantes, amantes, assassinos, todos em ciranda. Alegria e insanidade de braços dados.

Enquanto giram e brincam, em algum lugar há uma nova tragédia, uma atrocidade qualquer. Entre atrocidades e tragédias, em algum lugar há sempre os brincantes que mantêm o mundo girando numa ciranda. Enquanto o mundo gira alheio às suas tragédias e aos seus brincantes, um misterioso homem caminha quase oculto pela névoa, apenas iluminado pela suave luz do luar. Vai com as mãos aquecidas nos bolsos de sua jaqueta cor de grafite, uma boina de lã preta cobre parcialmente seus cabelos já grisalhos. Saindo do bolso traseiro da calça jeans vê-se um pequeno bloco de notas.

Quem é esse homem? De onde surgiu? Não sei, alguém saberia? Surgiu, quem sabe, da noite, da névoa, do luar. Tem cara de lenda, de mito, de crença talvez. Anda devagar, sem pressa, relaxado. Não parece buscar nada além da própria noite. Caminha com a tranquilidade de quem já entendeu a ambiguidade humana, a serenidade de quem sabe que se vive, apesar de tudo, apesar de nada, apesar de.

Apesar de...